

---

## **Jornalismo e equidade de gênero: uma análise das representações na mídia da primeira-dama Michelle Bolsonaro<sup>1</sup>**

Mayara Maier<sup>2</sup>

Ariane Carla PEREIRA<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

### **Resumo**

Buscamos, através dos estudos de gênero e do diagnóstico do presente, em Foucault, empreender uma reflexão sobre o que a imagem de “primeira-dama” nos diz sobre o lugar da mulher na política e na sociedade. Além de entender se os meios de comunicação promovem a equidade ou reafirmam as desigualdades entre os gêneros e contribuir com o debate sobre o assunto no Brasil, ampliando a visibilidade da luta das mulheres e a busca de uma sociedade mais equânime. Compõe o nosso corpus de pesquisa as matérias veiculadas sobre a ação da primeira-dama durante os primeiros 100 dias do Governo Bolsonaro. Os veículos selecionados foram os que tiveram maior circulação digital no Brasil, em 2018.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Gênero; Poder; Política; Diagnóstico do presente.

### **Introdução**

A história das mulheres com a política é recente, já que a elas por muito tempo foram negados os principais direitos políticos, como votar e se candidatar. Antes de ter acesso a esses direitos - e mudando pouco depois disso -, os direitos das mulheres se limitavam à cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. Isso significa que as decisões políticas, relacionadas ao sexo feminino, eram tomadas, exclusivamente, por - e para - homens. Ainda hoje, as mulheres são educadas para cuidar e os homens para prover. Aquelas que se aventuram nessa área - segundo Rebecca Solnit, no livro *A mãe de todas as perguntas* - “são criticadas pela aparência, pela voz, pela ambição, por não se dedicarem em tempo integral à família (ou por não terem família)” (2017a, p.66).

O espaço da política é, essencialmente, masculino. Por isso, mulheres na política, também não podem ser “femininas demais, visto que não se associa feminilidade a liderança, mas também não podem ser masculinas demais, visto que a masculinidade não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), e-mail: [mayara-maier@hotmail.com](mailto:mayara-maier@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), e-mail: [ariane\\_carla@uol.com.br](mailto:ariane_carla@uol.com.br).

---

é prerrogativa delas” (2017a, p.66). Isso acontece, segundo Solnit, porque para o patriarcado, a mulher sempre estará numa condição equivocada se sair do seu espaço de ação: o lar.

Uma brecha encontrada pelas mulheres<sup>4</sup> para participar da vida política, antes mesmo de terem acesso aos direitos políticos, foi a filantropia. Principalmente para as mulheres cristãs, “a caridade e a filantropia foram oportunidades para sair do mundo restrito do lar e dos cuidados domésticos ao mesmo tempo em que encontraram nas ações benemerentes uma sólida e respeitável fonte de prestígio e reconhecimento social” (MARTINS, 2016, p.36).

A filantropia foi uma importante aliada, pois rendeu às mulheres poder de classe, articulação e organização. Foi assim que elas passaram a se envolver mais com a luta pelos direitos das mulheres e ocupar um espaço político destinado a defesa social. Mas isso apenas comprovou que “os discursos sobre a questão social estabeleciam e reproduziam uma divisão de gênero entre a dimensão masculina propositiva, política e remunerada e a dimensão feminina operativa, emocional e voluntária” (MARTINS, 2016, p.37). A entrada das mulheres para as funções de caridade, assim, reforçou os estereótipos do que é ser masculino e o que é ser feminina.

Essa situação condiz com a atual conjuntura política no que diz respeito ao silenciamento constante das mulheres nos espaços onde elas não são bem-vindas - os espaços públicos - quando se teve uma mulher na Presidência da República, mas, também, com o atual momento político: o presidente (homem), designado a administrar o país; e a primeira-dama (mulher), designada aos cuidados com as causas sociais e a filantropia, fazendo jus ao “trabalho do coração” e a expressão “bela, recatada e ‘do lar’”, utilizada por uma revista de ampla circulação nacional para caracterizar, em uma de suas capas, outra primeira-dama, a esposa do ex-presidente Michel Temer, Marcela Temer.

Diante desse contexto em que há, paralelamente, mulheres tentando ocupar um espaço efetivo na política brasileira e a negação de que elas sejam capazes de ir além do espaço privado, essa pesquisa tem o propósito de entender as representações de gênero nas aparições da primeira-dama Michelle Bolsonaro nas reportagens midiáticas, nos

---

<sup>4</sup> Neste momento, participaram apenas as mulheres pertencentes a elite, que tinham poder aquisitivo e podiam, assim, sair em auxílio dos mais pobres.

---

primeiros 100 dias de governo. Buscamos empreender uma reflexão sobre o que a imagem de “primeira-dama” nos diz sobre o lugar da mulher na política e na sociedade.

Essa análise se torna relevante na medida em que o jornalismo influencia opiniões e, conseqüentemente, pode auxiliar, ou não, na promoção de equidade na política e fora dela. Analisaremos, então, os três jornais e revistas mais visualizados em ambiente online no Brasil: Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo; e Veja, Época e Exame. Pretendemos entender se os meios de comunicação promovem a equidade ou reafirmam as desigualdades entre os gêneros e contribuir com o debate sobre o assunto no Brasil, ampliando a visibilidade da luta das mulheres e a busca de uma sociedade mais equânime.

### **Michelle Bolsonaro nas principais revistas e jornais brasileiros**

A constituição do *corpus* deste trabalho foi feita a partir da seleção dos três jornais e as três revistas com maior circulação digital do Brasil. Segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>5</sup>, em 2018, foram os jornais<sup>6</sup> *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*; e as revistas<sup>7</sup> *Veja*, *Época* e *Exame*. Todos fazem publicações diárias em suas plataformas digitais. Analisamos, portanto, a cobertura dos respectivos veículos sobre a ação da primeira-dama durante os primeiros 100 dias do Governo Bolsonaro - de 1º de janeiro a 10 de março de 2019. Dentre as matérias que citavam direta ou indiretamente a primeira-dama, selecionamos as que traziam Michelle como foco principal. As demais - que a citavam apenas como acompanhante de Bolsonaro em suas atividades ou como uma das envolvidas no caso Queiroz (investigação que tem como foco principal o filho do presidente, senador Flávio Bolsonaro) - foram descartadas. Afinal, o que procuramos entender é como o discurso jornalístico é construído. Assim, nosso objeto é formado por:

#### ***Folha de S. Paulo***

*1º de janeiro de 2019*

- “Michelle quebra protocolo e faz pronunciamento em língua de sinais”, que trata do discurso da primeira-dama na posse de Jair Bolsonaro;

---

<sup>5</sup> O IVC é uma entidade nacional sem fins lucrativos responsável pela auditoria multiplataforma de mídia e publica anualmente dados sobre a circulação dos jornais e revistas brasileiros.

<sup>6</sup> Números disponíveis em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/01/30/circulacao-digital-dos-grandes-jornais-cresce-no-brasil.htm>>. Último acesso: 09 mai.2020.

<sup>7</sup> Números disponíveis em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/03/11/revistas-semanais-recuperam-audiencia-no-digital.html>>. Último acesso: 09 mai.2020.

---

- “Michelle adota corte sexy e Legislativo homenageia Bolsonaro com 'azul realza'”, que apresenta detalhes do vestido usado por ela na posse presidencial.

*2 de janeiro de 2019*

- coluna Tony Goes (F5): “Michelle Bolsonaro pode ser a popstar do novo governo”, trata da popularidade de Michelle e das diferenças dela com outras primeiras-damas.

*19 de janeiro de 2019*

- “Moldada ao primeiro-damismo, Michelle Bolsonaro desponta como trunfo”, aponta as funções históricas das primeiras-damas e como Michelle se encaixa nelas.

*9 de abril de 2019*

- coluna Pedro Diniz “Fantasia não fará Michelle Bolsonaro convencer como Lady Di”, fala das tentativas de Michelle de se assemelhar com a Princesa Diana.

### ***O Globo***

*01 de janeiro de 2019*

- “Consultores de moda elogiam vestido de Michelle Bolsonaro; Paula Mourão usa peça de cerca de R\$ 15 mil”, a matéria fala dos vestidos usados pelas mulheres do presidente e do vice empossados.

*03 de janeiro de 2019*

- Blog Marina Caruso: “Renda de vestido preto usado por Michelle Bolsonaro foi comprada em Paris, em 2013”, o assunto são os vestidos usados por Michelle.

*06 de abril de 2019*

- “Michelle Bolsonaro usou vestido inspirado em look de Lady Di”, cujo tema é a aparência de Michelle.

### ***O Estado de S. Paulo***

*01 de janeiro de 2019*

- “Michelle Bolsonaro quebra protocolo e, pela primeira vez, uma primeira-dama discursa”, trata, também, do discurso feito pela primeira-dama na posse do marido.

*11 de janeiro de 2019*

- “Michelle conhece ações sociais do governo”, título autoexplicativo.

*27 de fevereiro de 2019*

- “Michelle Bolsonaro evita a imprensa e se limita a comentar temas relacionados a deficientes”, explica que a primeira-dama passou a evitar a imprensa depois de ter o nome envolvido no caso do ex-motorista do senador Flávio Bolsonaro, Fabrício Queiroz.

*17 de março de 2019*

- Broadcast Político “O papel da primeira-dama”, fala sobre sua importância para ajudar a melhorar a imagem de Bolsonaro, conhecido pelo discurso considerado machista.

*18 de março de 2019*

- “Contra 'imagem machista' de Bolsonaro, Planalto 'testa' primeira-dama”, mesma linha da publicada no dia anterior.

### ***Veja***

*01 de janeiro de 2019*

- “Discurso no parlatório e beijo no marido: primeira-dama quebra o protocolo”, a matéria fala sobre o discurso de Michelle na posse.

*04 de janeiro de 2019*

- “Ela quebrou tudo”, novamente sobre o discurso da posse.

*18 de março de 2019*

- “Primeira-dama ensaia aproximação de governo com entidades sociais”.

*26 de março de 2019*

### ***Época***

*01 de janeiro de 2019*

- “Consultores de moda elogiam vestido de Michelle Bolsonaro”, sobre as roupas usada por ela na posse.

*02 de janeiro de 2019*

- “Análise: a busca por um novo tom no planalto”, que compara Michelle com outras primeiras-damas.

### ***Exame***

*01 de janeiro de 2019*

- “Michelle Bolsonaro quebra protocolo ao discursar na posse presidencial”, título autoexplicativo.

- “Vestido de Michelle Bolsonaro é assinado por estilista do Rio”, sobre sua roupa.

*27 de fevereiro de 2019*

- “Michelle Bolsonaro evita imprensa e apenas comenta temas sobre deficientes”.

## **Gênero, discurso e poder: diagnosticando o presente**

---

Pretendemos, com essa pesquisa, fazer um diagnóstico do presente a partir da proposta foucaultiana. Aspiramos, assim como Foucault, levar as pessoas a entenderem o que está acontecendo e não “anunciar verdades proféticas para o futuro” (ARTIÈRES, 2004, p.16). Nosso gesto, como diagnosticadores, então, é o de estar atentos ao presente, vê-lo e ouvi-lo e, a partir disso, relatá-lo e analisá-lo.

O diagnosticador do presente, segundo Foucault, “vai além do que vê; as formas imediatas do sensível não o enganam; pois ele sabe atravessá-las; ele é desmistificador por essência” (FOUCAULT *apud* ARTIÈRES, 2004, p.27). Ao diagnosticar empreendemos um olhar de denúncia do que estamos presenciando. Seguindo Foucault, estudaremos, também, o poder, bem como “onde ele se implanta e produz efeitos reais” (FOUCAULT, 2019, p.283). Para tanto, utilizaremos gênero como categoria de análise buscando compreender como o papel e o lugar da mulher na política brasileira têm relação com a construção e a consolidação de um poder.

De acordo com Joan Scott, várias revoluções e tomadas de poder durante a história “afirmavam a dominação, a força, a autoridade central e o poder soberano identificando-os ao masculino” (SCOTT, 1989, p.25), o feminino era, geralmente, identificado pelo que era fraco. Para Foucault, existe na nossa sociedade “relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social” e elas não existem “sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso” (FOUCAULT, 2019, p.278-279). Por isso, o discurso se torna essencial nesse trabalho, considerando que ele produz verdades e que todos nós somos “destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2019, p.279).

Ao inserir-se nos estudos foucaultianos e de gênero, essa pesquisa pretende buscar o exercício do jornalismo com perspectiva de gênero. Portanto, tentamos entender como o discurso jornalístico afeta as relações de poder socialmente construídas. Ao fazer isso, questionamos os estereótipos impostos pela sociedade patriarcal no que diz respeito ao lugar da mulher na sociedade, principalmente no espaço que lhe é destinado na política.

### **Gênero, por quê e para que**

Em uma palestra intitulada *Profissões para Mulheres*, Virginia Woolf falou do assassinato do “Anjo do Lar” que nada mais é do que “a mulher ideal que satisfaz as

---

necessidades e expectativas de todos os outros, mas não as dela” (SOLNIT, 2017b, p.126). Essa mulher vive em função de outras pessoas. Vive para o marido, os filhos, o patrão, os pais, a nação, menos para ela mesma. Tudo que ela faz tem o objetivo de agradar terceiros. Ao fazer essas reflexões, Woolf (2012, p.14) se viu diante de outra questão: o que resta depois do assassinato do Anjo do Lar? Após essa atitude, a mulher passaria a se preocupar com as suas necessidades e poderia ser ela mesma. “Mas o que é ‘ela mesma’?”, ou melhor “o que é uma mulher?”. Woolf não tinha a resposta para essa pergunta e tampouco nós a temos. O que podemos fazer é uma reflexão acerca desse tema para, enfim, entender o por quê e para que os estudos de gênero são importantes.

Assassinar o anjo do lar nada mais é do que deixar de ser aquilo que as pessoas esperam que a mulher seja. É buscar ir além do que conhecemos e, finalmente, descobrir o que somos. E isso está intimamente ligado com a construção - e desconstrução - dos gêneros. Para Joan Scott, gênero “tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’”, usamos esse termo para sugerir que “a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro” (1989, p.6-7). Ou seja, para entendermos que lugar a mulher ocupa hoje na política nacional, precisamos entender, também, qual lugar o homem ocupa e porque essa divisão ocorre. Ao buscar compreender como “o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais”, Scott afirma que, dessa maneira, as(os) pesquisadoras(es) compreendem que o gênero está relacionado com a sociedade em diversos contextos, portanto “a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (1989, p.23). Para ela, a política compõe uma das instâncias em que o gênero pode ser utilizado para a análise histórica já que não é tão explorado por ser “percebido como uma categoria antitética aos negócios sérios da verdadeira política” e por ter sido “o bastão de resistência a inclusão de materiais ou de questões sobre as mulheres e o gênero” (SCOTT, 1989, p.24).

Para a filósofa política Susan Moller Okin, o termo gênero “refere-se a institucionalização social das diferenças sexuais”. Ao utilizá-lo, entende-se as desigualdades sexuais e, também, as diferenciações sexuais “como socialmente construídas” (2008, p.306). Ou seja, a divisão do que é lugar da mulher e do homem na política, e na sociedade em geral, é construída socialmente e não algo natural. Em seu artigo *Gênero, o público e o privado*, Okin faz uma diferenciação das esferas privada e

---

pública e quem ocupa cada uma. Para a filósofa essa divisão ocorre considerando o sexo de cada indivíduo. Os homens são “ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas”, já às mulheres são “responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução” (2008, p.307-308).

As mulheres são constantemente apontadas como “‘naturalmente’ inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família” (OKIN, 2008, p.308). Elas são os anjos dos lares, supõe-se que nasceram com o dom da maternidade, de servir ao marido e são naturalmente mais suscetíveis à caridade. Segundo Okin (2008, p.308), muitos teóricos políticos ignoram a divisão de trabalho existente nas famílias, as formas de dependência econômica que ela causa e o seu impacto na estrutura de poder. Termos como “ele” e “homem” são usados corriqueiramente na política e em relação ao poder familiar como se estivessem falando tanto de homens como de mulheres. Okin chama essa atitude de “falsa neutralidade de gênero” e afirma que “grande parte da experiência real das ‘pessoas’, enquanto elas viverem em sociedades estruturadas por relações de gênero, de fato dependem de qual é o seu sexo” (2008, p.310).

Discutir gênero e colocar ele nas nossas discussões corriqueiras é essencial para que mudemos essa dicotomia do espaço público feito para homens e o privado para mulheres. Esse debate revela a “impossibilidade de desenvolver uma teoria política humana, em oposição a uma teoria patriarcal ou masculina, sem incluir a discussão sobre gênero e seu eixo principal, a família” (OKIN, 2008, p.317).

### **O poder do discurso e a ação social da primeira-dama**

Em 1º de janeiro de 2019, Michelle Bolsonaro ocupou as páginas dos grandes meios de comunicação do Brasil ao discursar antes do seu marido, Jair Bolsonaro, em sua posse como Presidente da República. O que chamou atenção foi a comoção por parte da população ao ver uma primeira-dama usando a palavra antes do presidente. Como era esperado, a reação da mídia foi rápida, repercutindo a fala (ou gestos) de Michelle. O discurso, proferido em Libras (Língua Brasileira de Sinais), ganhou as páginas dos jornais e revistas no mesmo dia. Matérias que buscavam analisar não apenas o que era dito, mas como e por que era dito. “Michelle Bolsonaro quebra protocolo”, foi o principal título utilizado pelos veículos de comunicação que noticiaram o ocorrido. “Em atitude inédita,

---

a primeira-dama Michelle Bolsonaro quebrou o protocolo na posse do marido”<sup>8</sup>, escreveu o *Folha de S.Paulo*. Já a revista *Veja* noticiou com as seguintes palavras: “a primeira-dama Michelle Bolsonaro chamou a atenção na cerimônia de posse presidencial ao quebrar o protocolo e discursar no parlatório do Palácio do Planalto – normalmente, só discursa o presidente que está assumindo o cargo”<sup>9</sup>.

Discurso é poder. Quem detém o discurso, detém o poder. Ao exercer esse poder, o que Michelle procurou passar para os que acompanhavam a sua fala durante a posse? Para Michel Foucault - que buscou entender onde estava o perigo e o que havia “de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente” (1999, p.8) -, o discurso é resultado do que vimos e ouvimos anteriormente, há no momento da fala uma voz que o precede. O discurso que Michelle buscava dar voz a quem não era ouvido - os surdos. Mas, embora fosse uma mulher discursando, as mulheres (e suas demandas) foram também incluídas?

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault afirma que todo discurso é controlado e, portanto, uma construção. Esse controle, para ele, é exercido via “Procedimentos de exclusão” e estes, segundo o autor, poderiam ser agrupados entre aqueles que seriam externos ao discurso - ou seja, a Interdição, a Separação/Rejeição e a Vontade de Verdade - e os internos ao discurso - isto é, o Comentário, a Autoria e as Disciplinas. Na *Interdição* há um jogo entre o que pode ser falado, quem pode falar e em que momento. A surpresa gerada pela fala da primeira-dama, deriva desse jogo. Naquele momento, segundo o protocolo, quem podia falar era o presidente eleito, não ela. Foucault chama isso de “ritual da circunstância” e de “direito privilegiado ou exclusivo de quem fala” (1999, p.9-11). Essa inovação no discurso, surpreendeu não só os ouvintes e a mídia, mas até aqueles que estavam envolvidos no rito da posse .

A nova primeira-dama vinha preparando nas últimas semanas uma surpresa para a posse de seu marido. O conteúdo foi mantido em sigilo até mesmo de integrantes da equipe do presidente, que apostavam em uma fala emocionada durante coquetel promovido no Palácio do Itamaraty, ambiente considerado mais intimista. (*Folha de S.Paulo*, 1º de janeiro de 2019, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/michelle-quebra-protocolo-e-discursa-em-libras-antes-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2020).

---

<sup>8</sup> Folha de S.Paulo, 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/michelle-quebra-protocolo-e-discursa-em-libras-antes-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2020.

<sup>9</sup> Veja, 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/discurso-no-parlatorio-e-beijo-no-marido-primeira-dama-quebra-o-protocolo/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

---

A aposta dos integrantes do governo, reforçados pela mídia, era de que a circunstância em que a primeira-dama poderia falar deveria ser mais intimista. Ou seja, num ambiente calmo e familiar. É aí que os estereótipos de gênero se operam, o lugar de fala da mulher deve ser o do lar. A política é formada, basicamente, por homens. Às mulheres cabe o papel de esposas, fora do ambiente político (de preferência em casa) e sem usar a palavra (sobretudo, antes do homem). Afirmar que era esperado que o discurso de Michelle deveria ser mais intimista só reforça e legitima um poder, aquele que coloca a mulher em posição de subalternidade em relação ao homem.

Ao longo da História do Brasil, naturalizamos o espaço da mulher como sendo o privado, a vida doméstica, a reprodução e a criação dos filhos. Ensinamos às meninas à importância do cuidado e que elas deveriam ser benevolentes. Como já mencionado, a maneira que elas encontraram para entrar no campo político foram as ações filantrópicas e caritativas. Ou seja, a ajuda ao próximo, o cuidado, as ações sociais voltadas sempre para a bondade, a generosidade e o amor ao próximo. Nada além do que já lhe era destinado no espaço do lar, de servidão aos filhos e marido. O que acabou em uma divisão fundamental: o espaço público como sendo masculino e o privado como feminino. E mesmo a mulher adentrando no campo oposto, as funções dirigidas à elas, continuam sendo as mesmas. Como acontece com as primeiras-damas, que apesar de estarem envolvidas na política, acabam por reproduzir suas funções de cuidado.

O fato é que estamos indo na contramão da derrocada desse modo de dominação. O que antes estava se tornando inaceitável está novamente sendo naturalizado. No primeiro semestre de 2020, apoiadores do presidente Bolsonaro sugeriram o médico Ítalo Marsili para assumir o Ministério da Saúde, substituindo Nelson Teich. O médico colecionava discursos polêmicos em suas redes sociais, desde a associação da crise democrática com o direito de voto das mulheres até a afirmação de que bastava "seduzir uma mulher para convencê-la a votar"<sup>10</sup>. Mas nem sempre esse retrocesso é explícito dessa maneira. Muitas vezes, não o percebemos por estarmos tão próximos aos acontecimentos. Para encontrar o problema precisamos, como sugeriu Foucault, olhar, deslocar o olhar e olhar novamente.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/saiba-quem-italo-marsili-medico-sugerido-por-bolsonaristas-para-assumir-ministerio-da-saude-24432986>. Acesso em: 24 jul. 2020.

---

Ao assumir esses posicionamentos, o que esses discursos buscam é fazer aparecer “uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal” (FOUCAULT, 1999, p.20). Ou seja, buscam passar que a única verdade, a realmente universal, é a deles. Há uma “vontade de verdade” que procura dizer que a mulher não nasceu para a política e para exercer os direitos políticos e, portanto, todas as outras afirmações são falsas. Para Foucault, a razão disso tudo é que, talvez, “o discurso verdadeiro não é mais (...) aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder” (FOUCAULT, 1999, p.20), mas aquele que é dito na intenção do desejo e de conseguir poder. É a busca constante de exercer domínio e poder que coloca a mulher sempre como submissa. E no caso da primeira-dama, servindo ao próximo e a nação. O fato de as mulheres sempre estarem à margem da vida pública poder ser explicado por ela ser habitada e sua história ser contada por e para homens.

A mídia também tende a naturalizar esses discursos, negando o fato de ser positivo uma mulher discursar na posse presidencial e compactuando com o destino social da esposa do presidente. Para Scott, “a posição que emerge como dominante é, apesar de tudo, declarada a única possível” (1989, p.21). O jornal *Folha de S. Paulo*, em 1º de janeiro de 2019, ao falar da atitude de Michelle afirmou que “a ideia é que”, assim como Marcela Temer, “a nova primeira-dama faça trabalhos sociais durante o mandato do marido”<sup>11</sup>.

A primeira-dama, segundo os veículos estudados, também foi utilizada para limpar a imagem machista de Jair Bolsonaro. Segundo a revista *Veja*, em “Ela quebrou tudo”, de 4 de janeiro de 2019, a presença dela nos compromissos do presidente “talvez ajude a desvanecer a pesada fama de machista que Bolsonaro conquistou com tantas declarações infelizes”<sup>12</sup>. Para o Broadcast Político do *Estadão*, na publicação “O papel da primeira-dama”, a “atuação de Michelle é vista pela rede de aliados do governo como forma de ajudar a melhorar a imagem de Bolsonaro” (17 de março de 2019)<sup>13</sup>. Afirmações que surgem para confirmar o destino social da mulher, o “anjo do lar”, vivendo para os outros ou para “melhorar a imagem” de um homem.

---

<sup>11</sup> Folha de S.Paulo, 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/michelle-quebra-protocolo-e-discursa-em-libras-antes-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/ela-quebrou-tudo/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://brpolitico.com.br/noticias/o-papel-da-primeira-dama/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

---

Na reportagem “Moldada ao primeiro-damismo, Michelle Bolsonaro desponta como trunfo”, a *Folha de S. Paulo* trouxe especialistas para falar sobre o assunto. Eles viam um risco de retrocesso caso Michelle levasse “o governo a adotar políticas assistencialistas, com viés mais filantrópico do que de combate à desigualdade”, afirmando que é uma atitude ultrapassada. Não muito tempo depois, em julho de 2019, o Ministério da Cidadania lançou o programa “Pátria Voluntária”, presidido pela primeira-dama, cujo objetivo é “fomentar a prática do voluntariado como um ato de humanidade, cidadania e amor ao próximo”<sup>14</sup>. Atitude que confirma o papel social, benemerente e voluntário da esposa do presidente.

### **Beleza que inspira o orgulho nacional**

Ao falar sobre o papel apropriado da mulher no meio político, o filósofo Edmund Burke, considerado o pai do conservadorismo, afirmou: “para que se possa amar a nossa pátria, a nossa pátria tem que ser amável” (BURKE *apud* SCOTT, 1989, p.24). Para Burke, a beleza e a feminilidade das mulheres que acompanhavam os homens na política (geralmente suas esposas) deveriam inspirar o orgulho nacional. Por isso, é muito mais comum que as mulheres sejam criticadas por sua aparência no meio político do que os homens.

Durante os primeiros 100 dias do Governo Bolsonaro, os títulos mais comuns - entre nosso *corpus* - falavam da aparência de Michelle. “Michelle adota corte sexy e Legislativo homenageia Bolsonaro com 'azul realeza””, do jornal *Folha de S. Paulo*; “Renda de vestido preto usado por Michelle Bolsonaro foi comprada em Paris, em 2013”, de *O Globo*; “Maquiagem de Michelle Bolsonaro atrasa cerimônia de posse”, da revista *Veja*; “Consultores de moda elogiam vestido de Michelle Bolsonaro”, de *Época*; e “Vestido de Michelle Bolsonaro é assinado por estilista do Rio”, de *Exame*, são alguns exemplos.

Um dos quatro elementos que o gênero implica, segundo Scott, é o dos “símbolos culturalmente disponíveis” (1989, p.21). A representação simbólica evocada na matéria “Michelle adota corte sexy e Legislativo homenageia Bolsonaro com 'azul realeza””, da *Folha de S. Paulo*, é a de um “símbolo da mulher” baseado em Maria da tradição cristã. O jornal declarou: “contrariando previsões baseadas nos costumes de sua orientação

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/patriavoluntaria>. Acesso em: 25 jul. 2020.

---

religiosa”, a primeira-dama “não aderiu ao look virginal na posse do marido”. As “previsões” indicavam que Michelle apareceria com uma aparência que lembrasse a castidade, mais recatada, e não com um “contudente e justíssimo tomara-que-caia”.

Essas representações são colocadas em evidência pelos conceitos normativos - segundo elemento implicado pelo gênero, segundo Scott -, que “são expressos nas doutrinas”, nesse caso, na religiosa. Esses conceitos afirmam, categoricamente, “o sentido do masculino e do feminino” (1989, p.21). Enquanto o presidente usou um tom de azul ligado a realza, Michelle optou por um tradicional e feminino tom de rosa, mas com corte moderno para, segundo a reportagem, “ser um equalizador da imagem conservadora do marido”. Todas essas afirmações são escritas “como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito” (SCOTT, 1989, p.21). Ou seja, são divulgadas como sendo um papel “tradicional” da mulher, com o qual todos compactuam.

Enquanto a revista *Exame* optou em falar sobre a estilista responsável pelos vestidos de Michelle, *Época* e *O Globo*, publicando o mesmo texto “Consultores de moda elogiam vestido de Michelle Bolsonaro”, buscaram elogios de consultores de moda para o vestido usado por ela na posse, ao mesmo tempo em que teceram críticas ao vestido de Paula Mourão, esposa do vice-presidente Hamilton Mourão, afirmando que o tom de azul utilizado por ela “destoou dos tons neutros adotados por Michelle e pelas demais mulheres presentes na posse”. Para alguns dos veículos de comunicação, Michelle precisava ser, também, original. Em coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, Pedro Diniz afirmou que “Fantasia não fará Michelle Bolsonaro convencer como Lady Di” e que “será preciso bem mais do que uma fantasia se o governo quiser costurar um discurso crível e convencer a audiência de que Michelle Bolsonaro pode ser mais do que apenas a mulher do presidente”. Ou seja, não importa o que as mulheres estejam vestindo, as referências que elas tenham ou o que buscaram passar. Sob o patriarcado elas sempre serão criticadas “pela aparência, pela voz, pela ambição” (SOLNIT, 2017a, p.66) e estarão sempre numa condição errada.

### **Do privado para o público, o lugar da mulher na política**

Para a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura”. Portanto, “se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte

---

da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (2015, p.48). É dessa maneira, mudando nosso pensamento e a nossa cultura, essencialmente patriarcal, é que iremos, enfim, alcançar a equidade entre os gêneros. As lutas pela equidade visam uma libertação que, como lembrou Rebecca Solnit, “não é oficial, institucional, racional, mas sim uma questão de ir além da esfera do familiar, do seguro, do conhecido, e passar para o mundo mais amplo que há lá fora” (1989, p.21). É isso que as mulheres que adentram o mundo da política buscam: uma libertação de tudo que aprisiona e submete a mulher.

Nessa pesquisa, com o propósito de entender as representações de gênero nas aparições de Michelle Bolsonaro em reportagens midiáticas, empreendemos uma reflexão sobre o que a imagem de “primeira-dama” nos diz sobre o lugar da mulher na política e na sociedade. Constatamos que ainda há muito para se conquistar no que diz respeito à mudança de pensamento e de cultura na nossa sociedade. Principalmente os padrões refletidos diariamente nos e pelos meios de comunicação, que por sua vez formam o pensamento de diversos leitores. A imagem da mulher, ainda e predominantemente, é associada ao emocional, ao voluntariado, ao familiar. Há uma exacerbada cobrança na sociedade, refletida na mídia, para que a mulher esteja sempre apresentável e, no caso da primeira-dama, é imprescindível que ela siga a máxima do bela, recatada e do lar, indo para o público como acompanhante do marido. Na política ela exerce o chamado trabalho do coração, que muito se parece com o que a mulher já fazia dentro de casa, na esfera privada, ou seja, o cuidado.

O jornalismo tradicional, ao reproduzir esses enunciados, acaba por reafirmar essas desigualdades entre os gêneros: o homem nasceu para a política e a mulher para servir. Michel Foucault propõe que precisamos não só pensar quem nós somos, mas como poderíamos ser diferentes. A partir disso, derrubar os muros dos estereótipos e exercer um jornalismo com perspectiva de gênero, promovendo, assim, a equidade. Mas como seria o jornalismo ideal? Sandra Chaheer, no livro *Las palabras tienen sexo*, afirma que “el periodismo con enfoque de género se propone analizar la información con la que trabajamos preguntándonos si afecta de manera diferente a mujeres y varones teniendo en cuenta la construcción social sobre sus roles” (2010 p.126). É realmente fazer uma reflexão com algumas perguntas: eu escreveria isso sobre um homem? Essa é uma pergunta que eu faria também para um homem? Eu faria uma matéria conversando com

---

a/o estilista de um homem? Eu questionaria o discurso de um homem no meio político sem ser pelo seu conteúdo?

Só o simples ato de responder essas perguntas nos encaminha para entender em que ponto o jornalismo reforça as desigualdades entre os gêneros. Nas matérias dos veículos estudados é evidente uma direção oposta ao jornalismo com perspectiva de gênero, ao ponto que os assuntos em que a primeira-dama é envolvida, falam sobre sua aparência, contestam o seu direito de discursar na posse ou afirmam o seu destino na ação social. O jornalismo, também utiliza seu discurso para reforçar verdades universais, dizer coisas já ditas (confirmar estereótipos), interditar discursos e exercer poder.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade - O trabalho de diagnóstico em Foucault. *In*: GROS, Frédéric (Org.). **Foucault - A coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p.13-37.

CHAHER, Sandra; SANTORO, Sandra (comp). **Las palabras tienen sexo: introducción a un periodismo con perspectiva de género**. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

\_\_\_\_\_. A cena da filosofia. *In*: \_\_\_\_\_. **Ditos & Escritos - vol. VII** - Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p.222-247.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Caminhos para o feminismo: das relações entre o movimento pelos direitos das mulheres, o humanismo liberal, a religião e a filantropia no século XIX. *In*: KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari; MOREIRA, Rosemeri (Orgs.). **Estudos de gênero em perspectiva**. Ponta Grossa: ANPUH-PR, 2016.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2):440, p.305-332, mai./ago. 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em 06 abril. 2020.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2017b.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.